

LANGDON, Esther Jean; PEREIRA, Everton Luís (Org.). *Rituais e performances: iniciações em pesquisa de campo*. Florianópolis: UFSC/ Departamento de Antropologia, 2012. 159 p.

Isabel Santana de Rose

Universidade Federal de Minas Gerais
E-mail: belderose@gmail.com

Rituais e performances, iniciações em pesquisa de campo, organizado por Esther Jean Langdon e Everton Luís Pereira, consiste em uma coletânea de trabalhos finais realizados por alunos de graduação do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina para a disciplina “Do rito à *performance*”. Um de seus grandes méritos está justamente em incentivar que os alunos de graduação façam pesquisa de campo. Ao mesmo tempo, o livro mostra como essa experiência pode trazer resultados surpreendentes e aponta para a importância tanto do trabalho de campo quanto da etnografia enquanto aspectos constitutivos do conhecimento antropológico.

Como descrito na introdução (Pereira; Langdon 2013), as pesquisas partem de uma definição mínima de rito que inclui um recorte em termos nativos (Peirano, 2003); ruptura com o fluxo da vida cotidiana; um lugar e um tempo delimitados; e atores sociais que estão manifestando simbolicamente valores e ideais de seu mundo (Langdon, 2012, p. 17). O ponto de partida central refere-se às três etapas do processo ritual – separação, margem e reagração – propostas por Van Gennep em sua análise clássica sobre os ritos de passagem, e posteriormente retomadas por Victor Turner em seu livro *O processo ritual*, no qual ele chama a atenção especialmente para o potencial criativo e subversivo contido na etapa intermediária, a liminaridade.

Uma das riquezas em trabalhar com essa interface entre rito e *performance* está na diversidade de temas que podem ser abordados a partir dessa perspectiva. As nove pesquisas reunidas na coletânea tratam sobre religiosidade e experiência religiosa a partir de diferentes contextos – o rito de saída de iaô, que é a iniciação no Candomblé (Vicenzi, 2012), os estudos bíblicos realizados pelos fieis da Igreja Evangélica de Confissão Luterana Brasileira (Uliano, 2012), e um ritual no contexto de um grupo xamânico urbano (Ferreira Oliveira; Gomes, 2012); de esportes e práticas corporais como uma roda de capoeira Angola (Oliveira, 2012) e um campeonato de jiu-jitsu (Koike, 2012); de *performances* culturais típicas da cidade de Florianópolis, como é o caso da brincadeira do boi de mamão (Conceição, 2012) e da pesca artesanal da tainha (Roth, 2012); e, finalmente, de uma festa de aniversário na qual nove mulheres vão gradualmente se sentindo mais à vontade e trocando confissões e reflexões sobre a vida. (Rodrigues 2012)

Quando se pensa em *performance*, o debate clássico da antropologia simbólica sobre a transformação da experiência e a eficácia ritual passa por uma mudança, sendo definido, nos termos de Bauman (1977), como *experiência intensificada* ou *experiência em relevo*. Enquanto a antropologia simbólica clássica, muito influenciada pelas ideias de Durkheim, ficou marcada pelas dicotomias rígidas entre sagrado e profano, e entre rito (ação, prática) e mito (sistemas de ideias, representações coletivas), a abordagem performática busca superar esses grandes divisores e mostrar que, na experiência vivida e na *práxis* essas dimensões que separamos em nossas análises se interpenetram de maneiras muitas vezes inesperadas, gerando novas sínteses. Desse modo, essa abordagem aponta para como, quando empregados na ação, os significados dos símbolos são colocados em risco, como sugeriu Sahlins (2004).

Ao perguntar quais são os mecanismos que possibilitam a produção de uma experiência em relevo, a abordagem performática chama a atenção para aspectos como a reflexividade; os mecanismos poéticos e estéticos empregados nas narrativas (metáforas, figuras de linguagem, repetições, etc.); e o uso de recursos estilísticos para compor a retórica (Ferreira Oliveira, Gomes, 2012, p. 70). Todos esses elementos

se vinculam com o enfoque em questões que atravessam os trabalhos reunidos na coletânea: oralidade; multissensorialidade e sinestesia; dialogicidade, emergência e negociação de significados; imprevisto e heterogeneidade.

Um desses mecanismos estéticos, ressaltado em diferentes capítulos do livro, como no texto sobre a cerimônia de medicina de Aline Ferreira Oliveira e Laura Gomes, entre outros, é a música, que em muitos casos tem o papel de contribuir na condução da experiência vivenciada durante o rito ou evento. Mais um aspecto que também é central é a corporalidade ou engajamento corporal, que se manifesta de diferentes maneiras, por exemplo, na ginga e na malandragem envolvidas na roda de capoeira; no transe ritualístico do Candomblé quando os devotos recebem seus orixás; ou na *performance* dos lutadores de jiu-jítsu durante o campeonato, perante os olhares cheios de expectativa dos membros de suas equipes e torcidas.

Outra questão que fundamental para pensar *performance* é o enfoque no contexto, no específico e no particular. Nesse sentido, é possível dizer que, devido à sua ênfase na etnografia, a coletânea de Langdon e Pereira é coerente com a abordagem performática proposta no livro. Na grande maioria dos artigos do livro, a contextualização se dá através da própria descrição etnográfica, sendo que a ênfase aqui está muito mais nas próprias descrições do que em discussões teóricas. Outros recursos usados para contextualizar os eventos descritos podem incluir elementos históricos, como no caso do capítulo sobre a capoeira, no qual o autor situa esta prática corporal mencionando desde aspectos amplos ligados às origens da capoeira Angola na África, até uma descrição sobre o histórico da formação do grupo de capoeira pesquisado em Florianópolis e a trajetória de seu mestre (Oliveira, 2012). A metodologia usada nos trabalhos envolve procedimentos clássicos da pesquisa antropológica, como a observação participante, o diário de campo, fotografias (algumas fotos selecionadas foram reproduzidas no livro) e entrevistas (com ou sem gravador).

Os elementos ressaltados nos textos reunidos na coletânea incluem as dimensões lúdicas do rito, vinculadas à importância do riso e do cômico; seu caráter de socialidade e o sentido de celebração, ou

ainda da “*performance* como brincadeira” (Conceição, 2012, p. 105). Por outro lado, não se pode ignorar os aspectos políticos das *performances* culturais (Uliano, 2012, p. 47), que se evidenciam mais ainda nos casos em que estas se encontram relacionadas a manifestações políticas e reivindicatórias e à demarcação de identidades étnicas, como acontece com a brincadeira do boi de mamão descrita por Sílvia D’Eça Neves.

Na minha própria experiência em ministrar essa disciplina, em 2012, na UFSC, e em 2013, na UFMG, um dos pontos interessantes tem sido que muitas vezes as pesquisas dos alunos levam a um questionamento e a uma ampliação dos conceitos e categorias antropológicos, presentes tanto nas abordagens clássicas quanto nas contemporâneas. Surgem perguntas sobre, por exemplo, se o rito envolve necessariamente uma ruptura com o fluxo da vida cotidiana; alguns trabalhos mostram que é possível haver rupturas dentro das rupturas; outros refletem sobre a indefinição das fronteiras entre as etapas do processo ritual.

Um exemplo nesse sentido está no artigo de Baylie Roth sobre a pesca artesanal da tainha. Com base em ideias de John Dawsey (2005), este texto reflete sobre os aspectos extraordinários que se encontram presentes no cotidiano. A questão do extraordinário cotidiano contribui para relativizar, ou desestabilizar, a centralidade da ruptura com o fluxo da vida cotidiana para compreender os ritos e *performances*. Retomando a questão do risco dos significados, podemos estender esse risco aos nossos próprios conceitos e categorias antropológicas, que, a partir do confronto com as etnografias, em muitos casos acabam sendo desestabilizados e repensados.

As pesquisas dos alunos têm mostrado, e acho que isso fica claro nos textos reunidos na coletânea de Langdon e Pereira, a complementaridade entre as abordagens clássicas centradas no rito e as mais contemporâneas que partem do conceito de *performance*. Como aponta Langdon (1996; 2012), nos dois casos muitas vezes os eventos observados e os temas discutidos podem ser os mesmos, o que muda é o enfoque e o direcionamento do olhar.

Mudança no direcionamento do olhar também foi o efeito produzido pela experiência da pesquisa de campo nesses antropólogos

iniciantes que escreveram os textos que compõem este livro. Vários autores narram como abordar eventos que em muitos casos eram para eles comuns ou cotidianos (vale lembrar que, com apenas uma exceção, os eventos observados e descritos nas etnografias ocorreram na cidade onde os pesquisadores moravam, Florianópolis) a partir dos conceitos de rito e de *performance*, possibilitou um deslocamento desse olhar, permitindo que os eventos pesquisados fossem encarados a partir de outras perspectivas e trouxessem à tona novas questões.

Referências

- BAUMAN, Richard. *Verbal art as performance*. Rowley: newbury House Publishers, 1977.
- CONCEIÇÃO, Silvia d'Eça N. Luz. Grupo folclórico Boi-de-mamão de Sambaqui: uma visão etnográfica. In: LANGDON, Esther J.; PEREIRA, Everton L. (Orgs), *Rituais e performances. Iniciações em pesquisa de campo*. Florianópolis: UFSC/Departamento de antropologia. 2012. p. 101-116.
- DAWSEY, John C. O teatro dos 'boias-frias': repensando a antropologia da performance. *Horizontes antropológicos*, v. 11, n. 24, p. 15-34, 2005.
- FERREIRA OLIVEIRA, Aline; GOMES, Laura Basso M. B. Cerimônia de medicina: o processo ritual e o uso da ayahuasca no Fogo Sagrado. In: LANGDON, Esther J.; PEREIRA, Everton L. (Org.). *Rituais e performances: iniciações em pesquisa de campo*. Florianópolis: UFSC/Departamento de antropologia, 2012. p. 51-78.
- KOIKE, Yudi Rafael Lemes. Uma etnografia do campeonato sul-brasileiro de jiu-jítsu. In: LANGDON, Esther J.; PEREIRA, Everton L. (Org.). *Rituais e performances. Iniciações em pesquisa de campo*. Florianópolis: UFSC/Departamento de antropologia, 2012. p. 131-144.
- LANGDON, E. Jean. Performance e preocupações pós-modernas em antropologia. *Antropologia em primeira mão*, 11, 1996.
- LANGDON, E. Jean. Rito como conceito-chave para a compreensão de processos sociais. In: LANGDON, Esther J.; PEREIRA, Everton L. (Org.). *Rituais e performances: iniciações em pesquisa de campo*. Florianópolis: UFSC/Departamento de antropologia. 2012. p. 17-22.
- OLIVEIRA, Diogo de. Somos todos irmãos: rito e performance na roda de capoeira Angola. In: LANGDON, Esther J.; PEREIRA, Everton L. (Org.). *Rituais e performances: iniciações em pesquisa de campo*. Florianópolis: UFSC/Departamento de antropologia. 2012. p. 79-100.

PEIRANO, Mariza. *Rituais ontem e hoje*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2003.

PEREIRA, Everton Luís; LANGDON, Esther Jean 2012. Introdução: do ritual à performance. In: LANGDON, Esther J.; PEREIRA, Everton L. (Org.). *Rituais e performances: iniciações em pesquisa de campo*. Florianópolis: UFSC/Departamento de antropologia, 2012. p. 7-16.

RODRIGUES, Nara Rosangela. Etnografia de uma festa de aniversário sob a ótica da performance". In: LANGDON, Esther J.; PEREIRA, Everton L. (Org.). *Rituais e performances: iniciações em pesquisa de campo*. Florianópolis: UFSC/Departamento de antropologia, 2012. p. 145-156.

ROTH, Baylie. Arrastão da tainha: um exemplo de performance na Ilha. In: LANGDON, Esther J.; PEREIRA, Everton L. (Org.). *Rituais e performances: iniciações em pesquisa de campo*. Florianópolis: UFSC/Departamento de antropologia. 2012. p. 117-130.

SAHLINS, Marshall. Cosmologias do capitalismo: o setor transpácífico do 'sistema mundial'. In: *Cultura na prática*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2004. p. 443-500.

Uliano, Suzana Castanheiro. Percepções sobre os rituais religiosos da Igreja Evangélica de Confissão Luterana Brasileira (IECLB). In: LANGDON, Esther J.; PEREIRA, Everton L. (Org.). *Rituais e performances: iniciações em pesquisa de campo*. Florianópolis: UFSC/Departamento de antropologia, 2012. p. 43-50.

VICENZI, Marliese. Saída de iaô: um rito de passagem. In: LANGDON, Esther J.; PEREIRA, Everton L. (Org.). *Rituais e performances: iniciações em pesquisa de campo*. Florianópolis: UFSC/Departamento de antropologia, 2012. p. 23-42.

Recebido em 18/09/2013

Aceito em 08/11/2013